

tempo necessário para cumprir o caminho. Desta forma compreende-se melhor o princípio hodológico e o conceito de mapa mental desenvolvidos por Janni e seguido por numerosos investigadores, que não hesitam em inserir a sociologia e a psicologia no estudo da geografia e da cartografia, tão necessárias, elas próprias, ao estudo da história, como bem se depreende nesta justa homenagem.

VASCO GIL MANTAS

Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

vsmantas@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6109-4958>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_72_9

SOARES, M. T. M., *História e ficção em Paul Ricoeur e Tucídides*, Coimbra, IUC, 2016, 641 pp. ISBN: Digital 978-989-26-1296-6¹.

Recensão submetida a 18-10-2017 e aprovada a 21-01-2018

De entre os muitos feitos notáveis que se podem encontrar nessa obra monumental de rara fecundidade, destaca-se um que nos dias atuais beira o inimaginável: o de contribuir, com propriedade e igual densidade, com três campos tão distintos e específicos como sejam o dos estudos filosóficos, literários e historiográficos, assim cumprindo à risca o que se pode entrever no título. Resultado da tese de doutoramento do autor, defendida em 2011 (FLUC) e publicada pela primeira vez em 2013 (publicação esta reproduzida na edição online ora recenseada), o livro aprofunda problemáticas já trabalhadas em sua tese de mestrado (*Tempo, mythos e praxis. O diálogo entre Ricoeur, Agostinho e Aristóteles*, 2013) e define um novo marco referencial tanto para os estudos sobre P. Ricoeur quanto para os dedicados a Tucídides, a começar pela ousadia mesma de explorar o fértil diálogo entre filosofia e historiografia em sua mútua iluminação – algo que o autor consegue com peculiar virtuosismo, assim descortinando para a lusofonia

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

outros tantos horizontes por vezes análogos aos percebidos por F. M. Pires² e S. L. R. Rocha³.

A obra tem como motivação maior a busca de mais ampla compreensão das imbricações entre modos de construção da narrativa histórica e de verdade factual nos textos de P. Ricoeur e Tucídides. Seguida de um “prefácio” (assinado por M. do Céu Fialho e M. L. Portocarrero), um “preâmbulo”, uma “nota introdutória” e uma “introdução preliminar – História e Histórias”, a primeira parte do livro (“História e ficção em Paul Ricoeur”, pp. 35-395) está subdividida em quatro capítulos (1. “Sob o signo da verdade”; 2. “Explicação histórica e compreensão narrativa”; 3. “História e ficção: por uma poética do tempo”; 4. “Representação e ficção”) e cada um deles, por sua vez, possui variável número de subdivisões. Permeando e articulando todas elas se encontra o reexame crítico de três textos fundamentais de Ricoeur [*Histoire et vérité* (1955); dois dos três volumes de *Temps et récit* (I e III, respectivamente de 1983 e 1985); e *La mémoire, l’histoire, l’oubli* (2000)], sempre pautado por rigorosa reconstrução do percurso teórico do autor, subjacente aos problemas destacados em cada obra (e.g., objetividade e subjetividade; interpretação e verdade, a questão da narrativa etc); e a retomada de diversos teóricos do século XX que influenciaram a produção ricoeuriana, quando não dialogaram diretamente com o filósofo (R. Aron, H.-I. Marrou, M. Bloch, F. Braudel, A. Danto, H. White, P. Veyne, M. De Certeau são talvez os principais nomes de um arrolamento que está longe de ser exaustivo). Maior de entre os quatro capítulos dessa parte, o terceiro é fundamental, por reelaborar a questão da narrativa como “resposta poética à aporética do tempo” (p. 218).

A segunda parte do livro (“História e ficção em Tucídides”, pp. 399-595) é composta por um “preâmbulo: a perenidade da historiografia clássica” e dois capítulos (1. “Tucídides: mestre de verdade” e 2. “Prefiguração, configuração e refiguração da *História da Guerra do Peloponeso*”), ambos também subdivididos. O “preâmbulo” reconstrói brevemente o debate historiográfico que desde meados do século XIX almejou canonizar Tucídides como modelo de historiador para a historiografia moderna. A reconstrução feita no “preâmbulo”, por sua vez, se articula às múltiplas reelaborações

² PIRES, F. M. *Mithistória*. São Paulo: Humanitas, 1999; *Modernidades tucidideanas II. A Clío tucidideana entre Maquiavel e Hobbes. Os olhares da história e as figuras do historiador*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2014.

³ “*Logos, writing, and persuasion in Thucydides’ History*”, tese de doutoramento defendida em Londres em 2008.

que tal visão sofreu após o *linguistic turn* e ao longo de todo século XX, reelaborações que haviam sido discutidas no capítulo precedente por muitos dos nomes mencionados ao fim do parágrafo anterior, entre eles o próprio Ricoeur. Já os capítulos seguintes são marcados pela análise cerrada do texto do historiador antigo, com destaque para duas questões centrais que, por simplificação, denominarei de “questão da verdade” e “questão das provas”, correspondendo cada uma respectivamente a cada um dos capítulos dessa parte. A primeira é discutida principalmente a partir do proêmio tucidideano (1.1-23), no qual o historiador polemiza com antecessores, aduz elementos distintivos de sua própria escrita (*e.g.*, grandiosidade, perenidade), elabora problemas que seriam hoje designados como metodológicos (refiro-me ao famoso parágrafo 1.22) e pondera sobre a relação entre sua obra e demais produções análogas então coetâneas. A segunda questão retoma o problema da obtenção, da reconstrução e da inteligibilidade das provas e da própria narrativa historiográfica, tomando por base os problemas da *autopsia* e do *histor* antigos, bem como dos *semeia* e dos *tekmeria* por ele produzidos. Tais problemas são examinados à luz da discussão aristotélica sobre a diferença entre história e poesia (*Poet.*9), dos conceitos retóricos de *ekphrasis* e *enargeia* e, sobretudo, das proposições ricoeurianas relativas à tríplice mimese (ou, como enunciado no título do segundo capítulo, “prefiguração, configuração e refiguração”).

A obra se encerra com uma “conclusão”, com uma “bibliografia” bipartida entre estudos relativos a Ricoeur e a Tucídides, um “índice onomástico” e um “índice de assuntos”, elementos todos que acentuam a clareza e o didatismo que pautam o livro do início ao fim. A brevidade da “conclusão” em relação à extensão da obra (pp. 597-600) dá a medida da habilidade do autor para destilar as questões, ainda – e, por que não?, sempre – as mais desafiadoras sobre o historiador antigo. Delas, destaco duas, tão somente para sinalizar algo da complexidade dos problemas enfrentados ao longo do texto e dos *ktemata* análogos ao do historiador antigo que este livro representa:

“Tucídides, historiador no sentido grego (histor), é aquele que vê e faz ver. A opsis é ponto de partida e ponto de chegada, é ponto de prefiguração e de refiguração. Pelo meio, fica a mimesis configuracional, mobilizada pela escrita, como elo entre o olho do historiador e a visão interior do leitor. A retórica da visão e da imagem perpassa o seu pensamento e o seu texto” (p. 597);

“que história e retórica sempre andaram de boas relações, demonstra-o uma análise da Retórica aristotélica e uma leitura da Arqueologia tucidiana. Mas esta simbiose não significa uma submissão ou dissolução da história na retórica ficcional. Transpondo para a atualidade, dissemos que as provas impedem a história de submergir completamente no campo da retórica ficcional, ao passo que a retórica evita que a história seja apenas um museu, uma crônica ou um glossário. (...) tal como Ricoeur, Tucídides recusa deixar a história render-se à ficção, mas aproveita da ficção o que pode dar valor ético à história e dignificar ainda mais o trabalho do historiador” (p. 598).

A reprodução literal desses trechos não priva o leitor nem do prazer de fruir, nem do benefício auferido com a leitura paciente do texto. Muito ao contrário, ela apenas visa ressaltar aquele que talvez seja o maior contributo da obra não apenas no âmbito da lusofonia, mas seguramente no dos melhores estudos tucidideanos em nível global, com os quais o livro ombreia em perspicácia e valor. Dois eixos maiores delimitam esquematicamente o plano da obra e, por consequência, tal contributo: a) a concepção da praxe historiográfica como um *meio* entre os discursos ficcional e científico, meio possibilitado pela mimese do real, assim recusando não apenas os exageros dos extremos que ora a querem tão somente artefato subjetivo destituído de valor probatório, ora duplo fiel de um real que jamais se consegue definir com segurança e propriedade; e b) ao alicerçar sobre o conceito-chave ricoeuriano de *representância* – essencial para a reconstrução do horror – toda a argumentação que culmina naquela concepção (“a”), a obra de M. Soares emula as de J. C. Iglesias-Zoido⁴ ou de A. Tsakmakis & M. Tamiolaki⁵ por exemplo, pela fertilidade da penetração dos aportes literários no âmbito dos estudos tucidideanos, quiçá também nos demais ramos do saber de início apontados.

BRENO BATTISTIN SEBASTIANI
sebastiani@usp.br

Universidade de São Paulo

<https://orcid.org/0000-0002-3777-6086>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_72_10

⁴ IGLESIAS-ZOIDO, J. C. *El legado de Tucídides en la cultura occidental – discursos e historia*. Coimbra: CECH, 2011.

⁵ TSAKMAKIS, A.; TAMIOLAKI, M. (ed.). *Thucydides between history and literature*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2013.